



Carta n.º 104/2019

## Carta de Feira

**Eu**, Lopes, filho de Lopo, Bacharel e Mestre nas Artes Liberais de Gramática, Leis, Lógica, Aritmética, Música, Geometria e Astrologia pela Universidade de Coimbra, Arauto e Escrivan - Mor, em officio, e a mando d'El-Rei Dom Afonso V, nosso Senhor, grande defensor e emparador deste Reino, proclamo alvissaras por mais uma feira franca, criada por vontade e merecimento da corporação do burgo alto, protetora de ruas, vielas, betos, praças e terreiros; fontes, bicas, capelas, igrejas e demais casario, também defensora das artes e officios das gentes que nela habitam, faz estremada mercê de guisa pelo seu comprido poder que se continuem a armar tendas dentro da cerca no local dito da Sé, com suas vendas, seus manjares e beberagens, sob a égide do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra que tão azinhamente tem defendido os interesses comerciais deste burgo

conclamo a ouvidres o que prestes irá ser apregoado por mim e a que se cumpre pôr recados

**Primeira** que, neste sábado per andar de Junio da Era do Senhor, se ajuntem as gentes vizinhas d'aquém e d'além Mondego, dos campos ribeirinhos, dos montes sobranceiros e da borda do mar e tragam suas cargas e mercancias, estando sob proteçan e segurança dos asinhos quadrilheiros, que hadem vigiar e hadem corrigir tudo quanto é mister nesta Faz de Feira.

Que se possa mercar pão alvo e de substância, viandas do funeiro, animais bravios e de capoeira, porcos cevados e bestas de cornos; ovos e primicias da terra; frutos maduros e passados; queijos e bolos de mel; pescado, sal, mostos fermentados e demais vidualhas, para satisfaçan das gentes que aqui hadem vir. Mais l' as peras em vinho melado, tigelas de leite doce, empadas de massa farta, tortas mouriscas, filhós espichadas, além de outras iguarias tais, que possam lambuzar beijos fidalgos, para bom proveito de suas panças e enchimento de suas tripas.

Que se possa ainda fazer comércio de drogas e mezinhas, ervas de cheiro e demais adubos, unguentos, amuletos, couros, coifas e calçado.

Faz-se ainda saber, que venham homens de variados officios e mesteres, que se possam alimpar barbas e guedelhas e que os escrivans montem suas tendas para cópia de pergaminhos, letras de câmbio, testamentos e ademais manuscritos.

**Sexto** d'El-Rei, nosso Senhor, per bem faz saber que concede muitos privilégios e liberdades aos feirantes, ficando estes livres do pagamento de tributos e portagens.

**Tercio** mais se faz lembrar a todollos homens de boa vontade, que não mister de folgar com os tangedores de sanfonas e gaitas, tamborileiros, saltatrices, bailios e saltimbancos, que deverão beber e fartar em discreto arruido.

Que se permitam neste local justas e torneios, que não ofendam a carnaçan dos combatentes, tal como depear membros, atingir os órgãos visis e conspurcar a calçada com humores e outros fluidos corporais.

**Quatturo** mais se faz saber, que continua não se poderem acoiçar carroças no Terreiro da Sé entre matinas e nocturnas, só havendo permisso de gente apeada ou alimérias de carga, por mister da armaçan dos tendais desta feira e que por exemplo e bom cuidado assim o deveria ser per omnia secula seculorum.

**Quinto** Proclama ainda El-Rei que deveis atentar nas cousas relatadas, per mim e que d'edio conta de um desvario entre dous grãos marrufos, raposios e caramboleiros burgueses deste nosso Reino: estoutro, Mestre do câmbio manual em mercados urbanos, que abriu os cordões à bolsa, cedendo dinheiro a rodos; aqueloutro, Chatim de grandes teres e haveres que recebeu, per nossa mercê, beneficio de colar e comenda per distincão honorifica e houve responder nas Cortes em Lisboa, per uso do crédito de Banca e onzena, para além de se arrimar à possança com faces gaifonas, palavras stoleimadas e tredas de escárnio e mal-dizer, com perca riscosa de tais honras per mim dadas em agradecimento.

**Sexto** El-rei faz ainda lembrar que dá liberalidade de prantear ou galhofar, per tão grã contumélia e chibaria de ver os nossos jogral e bailador, na longínqua Terra Santa, que no ajuntamento de jograis e tangedores idos dos mui díspares lugares do nosso velho continente, não lhe ter velido os céus, nem seu nome de deus Osiris de terras do Nilo, per suas trovas cantadas, trombetas, flechas, mortes, e saudades, em tão desacostumadas e taralhonas véntias e bailações, com enxeco de perder mui almejado troféu. Quem mata quem, quem mata quem?... E lá morreu!...

**Carta** dada aos quinze dias do mês de Junio, de dois mil e dezanove, Era de Jesus Cristo, no dia de São Vito, nos Paços do Concillium no Largo de Sensão, escrita por minha mão própria e selada com pendente de cera branca de seu Alvaril e Alcaide-Mor, D. Manuel Machado e da Official das Cousas das Letras, das Artes, Folganças e Feiras, Grã-Mestra Dona Carina Gomes.

Don Manuel Machado

  
Alvaril e Alcaide-Mor